



Mónica, a Maria-Rapaz

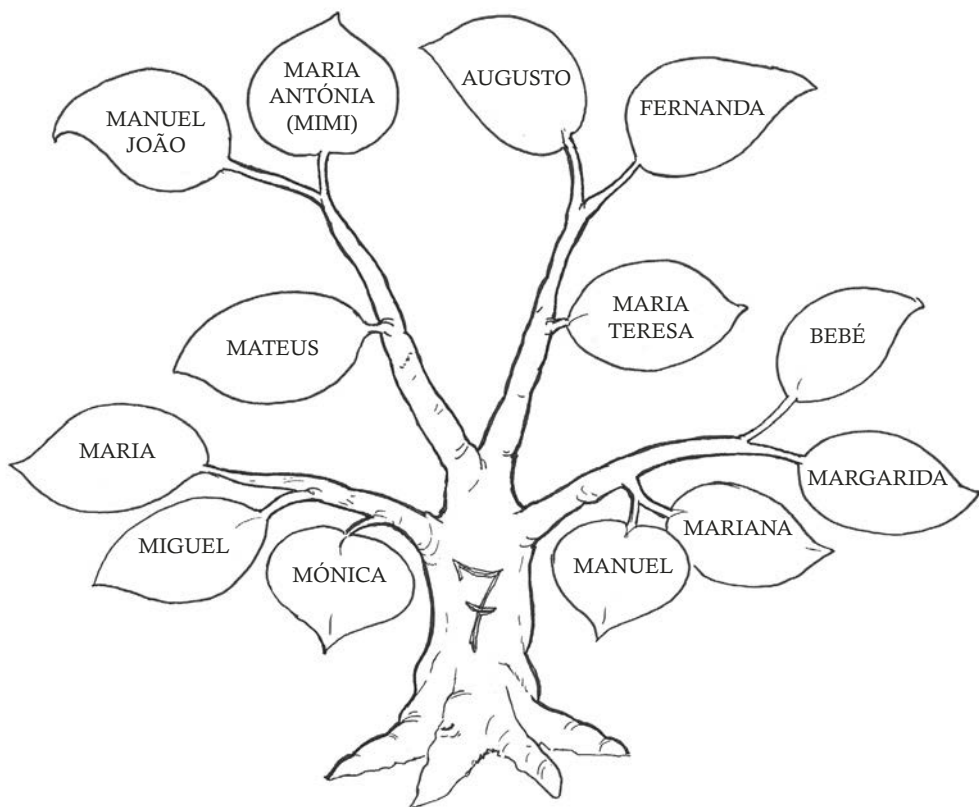
autoras **Margarida Fonseca Santos**
Maria João Lopo de Carvalho

ilustrações
Miguel Gabriel

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| O | F | I | C | I | N | A |
| D | O | L | I | V | R | O |

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





UM

Mónica, Mónica... ora, o que é que eu posso dizer sobre mim?

M de *maria-rapaz*

Ó de *orgulhosa*, pois acho que sou um bocadinho orgulhosa, o que me traz alguns problemas... às vezes...

N de *nada interessada em roupas* e essas coisas, que me baralham bastante! Saias, então, são mesmo proibidas!

I de *independente*, ou, pelo menos, com muita vontade de me tornar independente, o que, apesar de não ser a mesma coisa, já é um avanço.

C de *campeã*! Isto assim soa mal, mas a verdade é que sou uma craque em bicicleta, e em futebol também me ajeito muito bem!

A de *adoro animais*! Queria tanto trabalhar com animais...!

Mas isto assim não diz nada. Vamos lá recomeçar como deve ser.

Aqui em casa vive uma pequena multidão... Somos sete irmãos, de todos os tamanhos e de todos os feitios, o que não deixa de ser divertido. A minha irmã Maria, que tem 16 anos, é a mais velha e também é a mais certinha, acho eu. Tem um namorado muito querido, que um dia me salvou de uns parvalhões...! Gosto dele.

O Miguel, que já fez 15 anos, tem a mania de mandar em mim. Não sei bem porque é que ele faz isto, mas é comigo que ele dá ares de senhor! Mas eu gosto muito do meu irmão Miguel... É um grande craque a jogar futebol, e até veio cá um olheiro do Barcelona convidá-lo para ir treinar e aprender lá em Espanha. Ele não foi, mas a verdade é que tudo começou a ser muito diferente depois desse momento.

E a seguir... bem, a seguir venho eu, que estou quase a fazer 14 anos e ando no 8.º ano. Acho que não sou assim muito embirrenta, mas isso é porque a nossa irmã Mariana, que é gémea do Manel, não para de nos chatear e consegue ser mil vezes pior do que eu! Ela, sim, está sempre a arranjar complicações, e até faz pena ver o que o Manel passa nas mãos dela. A culpa também é dele, claro. Se não fosse tão bonzinho e tão interessado em livros que tenham pelo menos o dobro da grossura de qualquer livro normal, até era capaz de a ter educado melhor. A Mariana é a nossa peste de estimação, como eu e o Miguel costumamos dizer... e divido o quarto com ela, é preciso que se saiba disso. Não é fácil...! Bem... Coitada, é queridinha, mas chata até dizer chega! Andam os dois no 5.º ano.

A Margarida tem 7 anos e, como já passou para o 2.º ano, acha que é muito importante. É um bocado mimada demais para o meu gosto, mas não há problema. Vive para as suas minibonecas. Agora tem uma mini-irmã a dormir lá no quarto, o que ela nunca pensou que lhe pudesse acontecer!, e andou mais resmungona durante uns tempos. Mas já acha graça à Madalena, que fez um ano há pouco tempo, e transformou-a na sua boneca preferida.

À Madalena aconteceram já muitas coisas. Assim que nasceu, teve de fazer uma operação ao coração, e íamos todos morrendo de nervoso! Ela era tão pequenina...! Mas correu tudo bem. Temos de andar sempre a tomar conta dela, embora o perigo já tenha passado, quer dizer, acho eu, que não sei tudo acerca do coração da Madalena. O engraçado é que ela é o oposto de mim. Eu tenho o cabelo castanho-claro, a pele muito branquinha e olhos esverdeados, a Madalena é moreníssima, uma coisa mesmo disparatada! Dizemos na brincadeira que foi trocada na maternidade, mas nenhum de nós trocava a Madalena por quem quer que fosse. Adoramos o nosso bebé trapalhão, que está a começar a dar uns passos aos trambolhões que parecem mais de um filme cómico do que outra coisa, e que só faz sons que ninguém percebe. Felizmente, não é muito chorona, nada mau...

Ainda mais pequenino em tamanho do que a Madalena é o *Mister*, o cão que eu trouxe cá para casa e que acabou por ficar. É um cão muito esperto e nós gostamos imenso dele, mesmo quando faz asneiras. A Alice é que

se zanga com essas coisas... Já custa muito tomar conta de nós todos, e, quando o *Mister* faz das suas, ela fica mesmo irritada. Mas com a Alice é assim: zanga-se, ralha, faz uma cara horrível e depois volta a ser a nossa querida Alice!

Que tal esta tropa toda? Uma agitação, não acham?

À chegada à escola, a Mónica encontrou a Sofia à luta com o cartão magnético, que não havia meio de perceber quem era ela e de a deixar entrar.

– Então? Em vez de entalada, estás encalhada? – perguntou a Mónica, brincando com o nome da Escola Martim Moniz.

Um som eletrónico fez-se ouvir.

– Finalmente! Irra, levou tempo! Nunca mais saía daqui!

– Ainda é tão cedo...! Só temos aula às dez e um quarto, e são só dez para as dez...

– Mas eu ainda não comi nada. Vens? Encaminharam-se as duas para o bar, onde àquela hora quase não havia ninguém. A Sofia pediu uma sandes e um sumo; a Mónica hesitou antes de se aperceber de que ainda estava com o pequeno-almoço – esse, sim, entalado.

A primavera já começara a fazer-se sentir, e o sol convidava a estar ao ar livre. Sentaram-se num banco longe do pavilhão central da escola.

De repente, a Mónica puxou as pernas para cima do banco e escondeu a cara entre os joelhos. A Sofia, surpreendida, olhou na direção para onde a amiga estivera a olhar e percebeu aquela atitude: o Paulo passara lá ao longe, de mão dada com uma rapariga da turma do 10.º de Humanidades.

– O Paulo anda com a Patrícia? Desde quando?

A Mónica não respondeu logo. Ela já desconfiava de que isso poderia vir a acontecer, mas não estava preparada para admitir que era verdade.

– Ai, Mónica, não fiques assim. Ele é mais velho do que tu, não ia ficar contigo para sempre. Vá lá...

A Mónica encolheu os ombros. Recusava-se a pensar que tudo não passara de um entusiasmo passageiro do Paulo. Ele até lhe tinha dedicado uma canção no primeiro concerto dos Bola-de-Berlim!

– Não achas normal que ele namore com uma miúda da idade dele?

– Não! – respondeu a Mónica, com um ar furioso.
– Ele gostava de mim!

– Ó Mónica, isso foi há que séculos! Ele achou que eras queridinha, és a irmã do amigo, foi uma coisa passageira.

– Não foi, não, senhora! Nós gostámos mesmo um do outro. Aliás, eu ainda gosto!

– Lá estás tu...

– Lá está ela a fazer o quê? – perguntou a Carlota, que se aproximara nesse momento das duas amigas.

– Nada!

– É a conversa do costume – esclareceu a Sofia, com um sorriso simpático.

– Tu não me digas que continuas sem falar com o Paulo, Mónica! Eu cá acho que devias ir ter com ele e conversar... Aquela miúda que anda ali de roda é muito esquisita, ele nem deve saber bem o que ela é, e tu...

– Já começaram a namorar, Carlota – esclareceu a Sofia.

– Acabou! – cortou a Mónica. – Não quero ouvir mais nada!

– Ela vai sofrer durante anos a fio – disse a Carlota à Sofia, no seu tom fatalista de sempre. – Não a podemos deixar ficar deprimida...

– Depri... quê?! Isto é só...

– Ei! – gritou a Mónica. – Eu estou aqui, para o caso de não se lembrarem!

A Sofia fez um gesto com as mãos a pedir tréguas. Não a queria irritar, mas a verdade é que achava aquela teimosia da Mónica, de pensar sempre no Paulo como o amor da sua vida, um perfeito disparate.

A campanha tocou, e grupos de alunos inundaram todo o espaço livre. A certa altura, o Paulo passou perto delas com a namorada. Cumprimentou a Mónica com um sorriso envergonhado, atrapalhado por a ter encontrado, e seguiu.

– Vamos para a sala? – perguntou a Mónica, pondo a mochila ao ombro.

– Acabou de tocar para a saída – disse a Carlota, admirada. – O que é que vamos fazer para a porta da sala?!

A Mónica encolheu os ombros de novo e voltou a sentar-se. Depois, vendo que os colegas que costumavam estar a encestar bolas se preparavam para começar o jogo, largou tudo e foi ter com eles.

– Com a camisa toda torcida e as calças largueiro-nas não dá muito para entusiasmar ninguém – comentou a Carlota.

– A Mónica é mesmo assim...

– O que é que fazemos?

– O que é que fazemos, como? – perguntou a Sofia.

– Para a ajudar a esquecer o Paulo?

– Nada, não percebeste? E não é assim tão grave.

– Achas?!

– Claro. Olha para ela. Já está a rir-se às gargalhadas e a dar um baile aos rapazes todos. Isto passa-lhe.

– Não sei – sentenciou a Carlota, olhando para a amiga, que se mantinha aos saltos perto do cesto de basquete. – Não sei...

A Alice pedira ajuda para moldar os pastéis de bacalhau, e logo ali começara uma zaragata típica dos filhos Machado. Todos queriam fazer mais do que os outros, e, com tantas mãos ao mesmo tempo de volta da massa, os

pastéis ficavam prontos em segundos. Na bancada estavam pousadas doze colheres de sopa, duas por cada fazedor de pastéis em forma de bola de rãguebi...

– Só fiz dois! – queixou-se a Margarida.

– A menina faz mais da próxima vez...

– Isso é que era bom – comentaram a Maria e o Miguel ao mesmo tempo, lembrando que eram os mais velhos e mostrando que já faziam aquilo desde pequenos.

– Os meninos nunca se cansam? Não têm vergonha de tirar a vez aos outros?

A Maria e o Miguel riram-se. Claro que não! Era divertidíssimo e não iriam perder aquilo por nada. Já bastavam os dias em que o Miguel estava no futebol em Santa-rém, e a Maria, no *ballet* ou com o João Pedro...

A Mónica cansara-se da luta depressa e acabara por se concentrar sobretudo num, moldando-o muito bem. Já a Mariana e o Manuel, acotovelavam-se para impedir o outro de chegar à tigela onde a massa repousava. A Margarida optava por choramingar, mas de pouco lhe valia...

A Alice fazia então a pergunta sagrada:

– Quem quer fritar os pastéis?

E era a debandada geral. Nenhum deles se atrevera alguma vez a competir com a fritadeira, e a verdade é que a Alice nunca os deixaria fazer aquilo. Era apenas uma forma divertida de acabar com a brincadeira.

Só a Mónica ficou para trás, olhando para um rasgão na *sweatshirt*.

– Onde é que a menina fez isso...?

– Não faço a mínima ideia! Deve ter sido a andar de bicicleta...

– Uma camisola quase nova...

– Mas isto cose-se, não cose? Quer dizer... tu consegues coser isto, não consegues?

– Mas fica a ver-se...

– Isso não importa. Onde é que está a mãe?

– A dar banho à Madalena. Não ouve a gritaria?

– Porque é que será que a Madalena grita tanto no banho? Vou lá dar uma ajuda.

– Olhe, Mónica, leve isto.

Quando a Mónica entrou na casa de banho com a vara de bater claras, a mãe riu-se. A Madalena, abrindo muito os olhos, calou-se de imediato. Estendeu as mãos para a Mónica e quase se virou na água.

– Eh, pá! Não sabia que isto era um truque, mãe!

– Foi a Alice que descobriu. A Madalena gosta de ficar a bater claras com a espuma, imagina tu. Tem sido a única forma de a calar.

– Será que lhe dói a cicatriz, mãe?

Os olhos da Mónica estavam presos à marca que a operação deixara no peito da irmã bebé. Fazia tanta impressão que a tivessem operado à nascença...!

– Não, querida, não dói, de certeza. Isto é uma mania dela. Até já pensei que a Madalena gostasse de ouvir o eco aqui na casa de banho. Os gritos ficam medonhos!

– Pois é!

– Como é que te correu o dia?

– Bem... Porque é que pergunta?

– Por nada, filha, pareceste-me mais tristonha, foi só isso.

A Mónica sorriu, mas os olhos ficaram molhados no mesmo instante. A mãe passou-lhe o braço pelos ombros e deu-lhe um beijo no cabelo desalinhado.

– Queres contar?

A resposta não veio logo, mas a Mónica acabou por abanar a cabeça. Realmente nem sequer sabia bem o que poderia dizer. Seria por causa do Paulo? Por causa de estar a crescer depressa? Ou seria porque queria um bocadinho de mimo, como se fosse pequena também?

Na ausência de resposta, a mãe optou pelo mimo, e, enquanto a Madalena «batia claras» na espuma do banho, a Mónica deixou-se acarinhar sem dizer uma só palavra.

– Anda cá, cãozinho querido...

O *Mister* foi com a cauda a abanar e trepou-lhe para o colo. A Mónica adorava tê-lo aninhado nas pernas enquanto estudava. Fez-lhe festas e falou com ele durante um bocado. Depois ajeitou-o para que chegasse à mesa, e abriu o *dossier*. Em menos de dois minutos, o *Mister* tinha adormecido e a Mónica já sentia uma dorzita nas costas por estar toda torcida. Mas não o largava!

A Mariana entrou a arrastar a pesada mochila e resmungou qualquer coisa acerca dos trabalhos que ainda

tinha de fazer, mas a irmã resolveu não lhe dar ouvidos. Espiou-a pelo canto do olho e viu-a tirar os livros para cima da mesa e sentar-se. Só quando a Mariana deu um suspiro muito fundo é que a Mónica se interessou pelo assunto.

– O que é que foi?

– Tenho de escrever uma composição sobre nada!

– Uma composição sobre nada?! Isso é o quê?

– Sei lá!

– Ó Mariana, a professora deve ter dito qualquer coisa...

– Pois disse! «Façam uma composição sobre o que quiserem. Têm liberdade total!» – imitou a Mariana, numa voz esganiçada. – Parva...

– Mas não tens ideia nenhuma?

– Não! E o Manel já está a meio da página, de certeza!

– Podias escrever sobre o nada.

– Como é que eu faço isso?

– Inventa! Inventa um nada...

A Mónica não tinha dito aquilo para ajudar a Mariana, estava só a brincar com ela, mas a verdade é que a irmã achou uma excelente ideia! Começou a escrever logo em seguida e não voltou a suspirar.

Concentrada de novo nos seus livros, a Mónica avançou mais um pouco nos trabalhos de Matemática. Estava quase a terminar quando o Miguel apareceu à porta do quarto.

– Mariana? Tens a não sei quantas ao telefone...

– A sério?! Boa!

– Quem é essa? – perguntou a Mónica.

– Não sei. Ela disse, mas eu não fixei. E quem é o Filipe, Mónica?

– O Filipe?

– Sim. Telefonou ontem quando eu cheguei a casa e voltou a telefonar hoje depois do almoço.

– E o que é que ele queria?

– Falar contigo, o que é que achas? Diz que tentou ligar-te para o telemóvel, mas estava desligado.

– Eu estive com ele na escola, não me disse nada.

– É da tua turma?

– Não...

– Então?

A Mónica sacudiu o *Mister* para o chão. Já estava a ficar um bocadinho irritada com aquele interrogatório.

– O que é que ele quer de ti? – insistiu o irmão.

– E o que é que isso te interessa?! Ai, Miguel, não te ponhas outra vez com cenas. Eu não tenho nada que te dar satisfações!

– Andas com ele, é?

– Eu?!

A Mónica estava chocada. Como podia o Miguel imaginar isso, se ela continuava a pensar no amigo dele?! Seria possível que não tivesse notado...?!

– Deve ser por causa do torneio de BTT.

– Qual torneio?

– Não interessa – respondeu a Mónica, achando que estava na hora de acabar com o inquérito. – Não tens treino hoje?

– Não. Estão a fazer umas obras nos balneários. Até me sabe bem. É longe como tudo! – Depois, voltando ao assunto, o Miguel insistiu: – Não me vais dizer quem é o Filipe...?

– Exato! Não vou.

– Eu não te quero metida com bimbos, ouviste?

– Poupa-me, Miguel, que parvo!

A Mariana entrou e começou a escrever ainda antes de ter acabado de se sentar à secretária.

– O que é que ela está a fazer? – perguntou o Miguel, curioso.

– A escrever sobre nada...

– Que embirrenta, tu!!!

E o Miguel saiu do quarto antes de a Mónica lhe poder explicar que, naquele momento, estava a falar a sério...



